



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS SOBRE “CAPAZ”

LOVANIA ROEHRIG TEIXEIRA¹
LETÍCIA LEMOS GRITTI²
ELIZA KOSLINSKI³

RESUMO: Neste artigo analisamos o item ‘capaz’ sob um viés semântico-pragmático, sugerindo que ele pode desempenhar três funções diferentes na gramática do Português Brasileiro (PB), tais como: marcador conversacional, negação e modal. Especificamente, aqui, focamos no comportamento modal de ‘capaz’, utilizando como bases teóricas a Semântica de Mundos Possíveis (KRATZER, 1981, 1991, 2012) e as abordagens para os modais do PB de Pires de Oliveira; Scardueli (2008) e Pessotto (2011a, 2011b, 2015). Verificamos que o item tem força modal de possibilidade e veicula leituras: epistêmica, doxástica, epistêmico-tácita e físico-intelectual. Desse modo, ‘capaz’ é um legítimo modal do PB e merece figurar no rol dos modais das línguas naturais.

Palavras-chave: semântica de mundos possíveis; capaz; modal.

ABSTRACT: This paper analyzes the Brazilian Portuguese (BrP) item ‘capaz’ from a semantic-pragmatic point of view. We suggest that it can perform three different functions in the BrP grammar: conversational marker, negation and modal. Specifically, here, we exploit the modal behavior of ‘capaz’, using as theoretical bases the Possible World Semantics (KRATZER, 1981, 1991, 2012) and approaches of Pires de Oliveira & Scardueli (2008) and Pessotto (2011a, 2011b, 2015) to BrP modals. After discussion, we affirm that the item ‘capaz’ has modal force of possibility and it expresses the following readings: epistemic, doxastic, epistemic-tacit and physical-intellectual. In this way, ‘capaz’ is a legitimate BrP modal item that should be included in the set of modals of natural languages.

Keywords: possible worlds semantics; capaz; modal.

INTRODUÇÃO⁴

Neste artigo analisamos alguns dos aspectos semântico-pragmáticos relacionados ao uso do item ‘capaz’, através da Semântica de Mundos Possíveis de Kratzer. Especificamente, dedicamo-nos a examinar ‘capaz’ como um adjetivo modal. Utilizamos, para isso, concepções semântico-pragmáticas de base formal

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. lovaniateixeira@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0001-9614-8648>

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Pato Branco, PR, Brasil. leticia-gritti@utfpr.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-1626-5930>

³ Mestranda da Vrije Universiteit Brussel, Bruxelas, Bélgica. eliza.koslinski@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0003-1728-7661>

⁴ Agradecemos pela leitura atenta e pelos comentários de dois pareceristas anônimos da revista. Todos os erros e equívocos que permanecem no texto são de nossa inteira responsabilidade.

tais como as de Kratzer (1981, 1991, 2012) e as abordagens de Pires de Oliveira; Scarduelli (2008) e Pessotto (2011, 2015) para modais do Português Brasileiro (PB).

Tendo em vista que ‘capaz’ é um termo muito utilizado pelos falantes do PB em contextos diversos, resultando em interpretações diferentes, nossas ponderações se iniciam com o seu significado mais comum em PB. *Grosso modo*, ‘capaz’ tem um significado relacionado à capacidade e à competência (nesses casos, pode ser classificado como um adjetivo). Essa interpretação é a que encontramos na sentença em (1), abaixo, em que se afirma que João tem a capacidade de realizar um bom trabalho; ele está qualificado para isso (possibilidade físico-intelectual, em nossos termos).

(1) João é **capaz** de realizar um bom trabalho.

Refletindo sobre a natureza distribucional (sintática) de ‘capaz’, o adjetivo pode ser encontrado: (i) como constituinte de um sintagma nominal, por exemplo, [uma pessoa capaz]; (ii) como constituinte de um sintagma verbal, como em [João é capaz]; (iii) pode ser pré-modificado por um intensificador como ‘muito’, por exemplo, [uma funcionária muito capaz] e, finalmente, (iv) pode assumir forma comparativa, como em [Maria é mais capaz do que Pedro] e superlativa, como em [Maria é *capacíssima*]⁵.

A negação de ‘capaz’ pode ser construída, em nível morfológico, quando adicionamos um prefixo como ‘in-’ ao item, o que resulta no termo ‘incapaz’ em (1a). Em nível sintático, a negação se dá por meio da adição de um item veiculando negação antes da cópula verbal como em ‘não ser capaz de’, em (1b). Note que, nos exemplos (1a) e (1b), abaixo, a leitura que se sobressai é a de que o ouvinte/ leitor não possui capacidade física e/ou intelectual, por isso, não tem possibilidade de passar na prova.

(1a) Você é **incapaz** de passar na prova.

(1b) Você **não** é capaz de passar na prova.

(1a’) [não [capaz [você passar na prova]]]

(1b’) [[não [capaz]] você passar na prova]

Apesar de (1a) e (1b) gerarem interpretações similares, as sentenças apresentam diferenças nas relações de escopo⁶, sobretudo devido às diferenças de

⁵ A forma superlativa de ‘capaz’ é encontrada em dicionários e em gramáticas tradicionais, que descrevem as regras da norma padrão; no entanto, ela raramente é utilizada pelos falantes do PB, e apenas em situações informais.

⁶ O escopo, segundo Ilari e Geraldí (2011, p. 33), pode ser definido como um conjunto de conteúdos semânticos sobre os quais uma operação significativa atua. Por exemplo, a negação tem escopo sobre um constituinte ou oração, desse modo, a negação afeta conteúdos de um constituinte ou de uma oração.

atuação dos operadores⁷ de negação utilizados em cada uma delas. Em (1a), ‘in-’ representa uma negação não-sentencial, pois “[...] sua atuação se circunscreve à morfologia lexical” (MIOTO, 1998, p. 111). Desse modo, a representação mais adequada para (1a) é a dada em (1a’). Em (1b), por seu turno, estamos diante de uma negação sentencial. Sendo assim, para (1b), a melhor representação é a dada em (1b’).

Note que em ambas as sentenças, (1a) e (1b), a negação apresenta escopo amplo, isto é, a operação de negação atua sobre o restante da sentença. Entretanto, em (1b’), ‘não’, em conjunto com ‘capaz’, opera sobre ‘você passar na prova’. Em (1a’), por sua vez, ocorre uma separação: a operação de negação (gerada por ‘não’) atua sobre ‘capaz de você passar na prova’ e, ‘capaz’, como um operador de modalidade, atua sobre ‘você passar na prova’.

Para além dos significados mais comuns de ‘capaz’ que orbitam uma noção de ‘capacidade’ (modalidade, como defendemos neste artigo), podemos encontrar outros dois, em que ‘capaz’ não é modal. Esses casos não são o foco deste estudo; por isso, nós os descreveremos sucintamente a seguir. Além de ter leitura modal, ‘capaz’ parece assumir⁸: (i) um papel pragmático de marcador conversacional, com valor sintático de interjeição⁹ (exemplificado em (2), abaixo); e (ii) um valor semântico de negação, com valor sintático de pronome, (exemplificado em (3) e (4), abaixo).

(2) A: – Sabia que Pedro quebrou o pé?

B: – **Capaz!** Como foi que aconteceu?

No exemplo acima, ocorre um uso de ‘capaz’ diferente dos vistos em (1), que estavam relacionados à capacidade físico-intelectual e, por isso, expressavam um tipo de modalidade. Em (2), o termo comporta-se como um marcador conversacional¹⁰ que, nesse caso, veicula surpresa e/ou incredulidade diante do

⁷ Um operador se caracteriza pela seguinte propriedade, segundo Branquinho, Murcho e Gomes (2006, p. 558): “quando prefixado a uma frase bem-formada arbitrária da linguagem [...] gera como resultado uma expressão bem-formada de certo gênero, mais complexa do que aquela frase”.

⁸ As interpretações em (i) e (ii) são encontradas ou compartilhadas por falantes de comunidades de fala de algumas regiões específicas do Brasil (apresentando, portanto, variação diatópica). Por exemplo, segundo informações colhidas informalmente, tais usos ocorrem nos estados da Região Sul, em alguns estados da região Sudoeste, sobretudo no Espírito Santo e em Minas Gerais, e em alguns estados do Centro-Oeste, como o Mato Grosso do Sul.

⁹ De modo geral, estamos fazendo uma descrição semântico-pragmática associada a uma descrição da categoria gramatical (sintática) de ‘capaz’. Apontamos até aqui que ‘capaz’ indicando capacidade físico-intelectual, semanticamente, é um modal da categoria gramatical dos adjetivos. Mas ele pode se comportar semanticamente como um operador de negação e, por isso, passa a ser um pronome. Ou, ainda, ele pode assumir um papel pragmático de marcador conversacional, passando a ser classificado como uma interjeição. No entanto, é preciso uma análise mais cuidadosa para verificar todos esses aspectos. Essa análise mais fina pretendemos realizar no futuro, já que, por razões de espaço, nosso interesse recai sobre ‘capaz’ modal.

¹⁰ Segundo Penhavel (2005, 2012), na literatura não há consenso terminológico, pois é possível encontrar, referindo-se a esses mecanismos, expressões como “marcadores conversacionais”, “operadores discursivos”, “marcadores de estruturação da conversação”, “apoios do discurso”, “partículas discursivas” etc.

que foi dito pelo falante A. Em (2), assim, ‘capaz’ passa a ser classificado como uma interjeição de surpresa similar a ‘Nossa!’ ou ‘Meu Deus!’ e, como essas, também aparece isolado pelo ponto de exclamação. É importante ressaltar que aqui utilizamos o conceito de marcador conversacional como um elemento gerenciador da conversação e como um enunciado completo (cf. FISCHER, 2000, 2006¹¹).

Agora, para discutir o uso de ‘capaz’ como negação, indicado em (ii), considere (3) e (4), abaixo:

Contexto: Dois professores de semântica estão discutindo sobre a probabilidade de João passar na prova de Lógica. Quando um deles diz que acredita que João vai passar, o outro, sabendo que João não estuda para as aulas, quiçá para as provas, falta muitas vezes e quanto aparece só bagunça ou fica dormindo, diz:

(3) **Capaz** que o João vai passar na prova!

(4) Bem **capaz** que o João vai passar na prova¹²!

Em (3) e (4), o item parece veicular negação¹³. Em (3), a interpretação pode ser parafraseada como (5), mas em (4) a interpretação de negação é intensificada, possivelmente pela presença do advérbio ‘bem’. Assim, uma paráfrase adequada da interpretação da sentença em (4) seria como (6).

(5) O João **não** vai passar na prova.

(6) O João **nunca** vai passar na prova.

¹¹ *Grosso modo*, Fischer (2000, 2006) conceitua os marcadores conversacionais como itens cujos significados consistem em manifestações de processos mentais em curso, *i.e.*, são elementos que revelam alguns detalhes do que o falante está pensando a respeito da construção de seu texto. A autora distingue três principais classes, de acordo com o tipo de processo mental que sinalizam: interjeições, marcadores de hesitação e marcadores de segmentação. Como já mencionamos, ‘capaz’ parece comportar-se como uma interjeição que, de acordo com a autora, expõe o reconhecimento súbito de algum tipo de informação. Esse reconhecimento ocorre em (2), porque o falante B parece reconhecer imediatamente a informação dada por A e, por isso, fica surpreso e utiliza ‘capaz’.

¹² A variação de sentidos de ‘capaz’ pode se dar por razões prosódicas, *i.e.*, pela entonação utilizada ao se proferir o item, principalmente quando ele vem acompanhado do advérbio ‘bem’. Nesse caso, ‘bem capaz’ pode significar tanto uma resposta afirmativa, quanto uma negativa; observe:

A: Aposto que eles vão colocar todos os ladrões na cadeia.

B: Bem capaz! (= Sim, é possível!)

B: BEM capaz! (= Não!)

¹³ É possível que, nos casos (3) e (4), ‘capaz’ pareça veicular dúvida ou incerteza, isto é, ‘capaz’ estaria cumprindo papel similar ao dos operadores de atitude proposicional como ‘eu acho que’, ‘eu duvido que’. No entanto, essa suspeita se desfaz quando testamos as ocorrências de ‘capaz’ como uma resposta a perguntas ‘sim/não’. Nesses casos, notamos que ‘capaz’ é usado naturalmente como uma negação. Considere o exemplo:

Contexto: Mila quase sempre sai atrasada de casa. Vendo a menina sair correndo pela porta, a mãe lhe pergunta:

Mãe: Tu tomou café?

Mila: Capaz.

Percebemos que a interpretação de negação, parafraseada em (6), é muito mais forte; não há chance de João passar na prova, segundo o falante. As situações de uso de ‘capaz’ apresentadas acima não são encontradas quando se busca o significado do item no dicionário. Elas são, portanto, significados diversos daqueles descritos em (1). Assim, as interpretações elencadas até aqui, nas sentenças (2), (3) e (4) são significados que os falantes do PB utilizam e precisam ser mais bem estabelecidos (em análises futuras).

Além dessas interpretações, isto é, da interpretação de negação e resultate de seu uso como marcador conversacional, que não são consideradas modais, pois não expressam possibilidade ou necessidade¹⁴, também notamos que há leituras relacionadas à interpretação mais comum, de ‘capaz’ isto é, ligadas à possibilidade físico-intelectual, que apresentam nuances. Essas leituras indicam que ‘capaz’ é interpretado como um elemento que expressa diferentes modalidades, como nos exemplos abaixo, os quais serão discutidos na seção 1.

- (7) É **capaz** da Maria estar dormindo, porque ela trabalhou até tarde ontem (modalidade epistêmica)
- (8) Se a Maria se exercitar, é **capaz** de ela emagrecer (modalidade epistêmico-tácita).
- (9) É **capaz** do João estar doente, pois ele não chegou ainda (modalidade doxástica).
- (10) Vitor é **capaz** de mover um móvel com a força do pensamento¹⁵ (modalidade físico-intelectual).

Tendo em vista todos os casos apresentados até aqui: (i) ‘capaz’ como negação, (ii) ‘capaz’ como marcador conversacional e (iii) ‘capaz’ como modal de possibilidade, vimos que esse item apresenta características semântico-pragmáticas bastante diversas e complexas. Essa é uma das razões que justificam a discussão que propomos neste artigo¹⁶. No entanto, também notamos que os significados veiculados pelo item são bastante amplos; por isso, neste artigo, nos dedicamos somente às interpretações de ‘capaz’ como modal, e às diferenças semântico-pragmáticas que ele pode apresentar nos diferentes contextos. Para fazer isso, na seção 1, apresentamos em detalhes os casos de ‘capaz’ em que sugerimos ocorrer um comportamento modal; na seção 2, apresentamos alguns dos principais aspectos da Semântica de Mundos Possíveis de Kratzer (1981, 1991, 2012) e das concepções de Pires de Oliveira; Scarduelli (2008) e Pessotto (2011, 2015) para os

¹⁴ As interpretações de ‘capaz’ como negação e como marcador conversacional não são consideradas modais (apesar de apresentarem dependência do contexto) porque não veiculam um aspecto crucial para sua caracterização como tal, segundo Kratzer (1981): a expressão de necessidade ou de possibilidade.

¹⁵ Em (10), ‘capaz’ apresenta uma interpretação de capacidade e algumas particularidades que as sentenças de (7) a (9) não apresentam. Esse aspecto será discutido na seção 3.4.

¹⁶ Até onde foi possível investigar, há somente uma publicação sobre o item ‘capaz’ (BASSI; GORSKI, 2014) de base funcionalista, que mencionamos na seção 1.

modais do PB; na seção 3, por sua vez, analisamos as diferentes leituras modais de ‘capaz’ utilizando as concepções da Semântica de Mundos Possíveis e, finalmente, apresentamos as considerações finais.

1. ‘CAPAZ’ COMO MODAL

Conforme apontamos na seção anterior, vamos centralizar as discussões nos casos em que a interpretação de ‘capaz’ expressa modalidade, excluindo das análises, por razões de espaço, as interpretações de ‘capaz’ como negação e como marcador conversacional.

Quando sugerimos que o item ‘capaz’ possui uma característica modal, precisamos entender que característica é essa. De acordo com Kratzer (1989, 1991), a modalidade tem a ver com a expressão de necessidade e de possibilidade. Especificamente, a possibilidade e a necessidade são os dois tipos de força modal que as expressões modais das línguas naturais podem apresentar. No entanto, uma expressão modal pode expressar vários tipos de modalidade, a depender do contexto em que aparece. De modo geral e não exaustivo, segundo von Stechow (2006), existem cinco¹⁷ tipos de modalidade para as línguas naturais: (i) **a epistêmica**: que diz respeito ao que é possível ou necessário, dado o que se sabe, e para o que se tem evidência; (ii) **a deontica**: que indica o que é possível, necessário, permissível ou obrigatório, dado um conjunto de leis ou um conjunto de princípios; (iii) **a bulética (ou desiderata)**: que expressa o que é possível ou necessário no que diz respeito aos desejos do falante; (iv) **a circunstancial**: que aponta o que é possível ou necessário dado um conjunto de circunstâncias; (v) **a teleológica**: que expressa o que é possível ou necessário para o alcance de um objetivo em particular.

As sentenças (11a) – (11e), abaixo, exemplificam essas modalidades.

- (11a) João **deve** ser o culpado (considerando as evidências – epistêmica).
- (11b) João **deve** se alistar no serviço militar (pelas leis vigentes – deontica).
- (11c) João **tem que** passar no teste (porque ele quer muito – bulética).
- (11d) João **deve** chegar no feriado Carnaval (dadas as circunstâncias – circunstancial).
- (11e) João **deve** pegar o metrô (para chegar mais rápido no trabalho – teleológica).

¹⁷O autor ainda cita a modalidade alética que trata do que é possível ou necessário levando em conta as leis da lógica. No entanto, ele também aponta que essa modalidade dificilmente é encontrada nas línguas naturais. Devido à essa particularidade, não a relacionamos entre as demais modalidades. Além disso, é preciso ressaltar que essa lista não é exaustiva, já que outros autores (PIRES de OLIVEIRA; SCARDUELLI, 2008) ainda apresentam a modalidade doxástica, relacionada às crenças do falante.

No que diz respeito a ‘capaz’, sugerimos que o item expressa possibilidade. E assim como ocorre para os modais em geral, a modalidade veiculada por ‘capaz’, com veremos, não é sempre a mesma, *i.e.*, o item apresenta diferenças semântico-pragmáticas nas interpretações a depender do contexto em que ocorre. Tais leituras serão apresentadas adiante e diferem ligeiramente das apresentadas em von Fintel (2006).

Até onde se sabe, após pesquisa por publicações em periódicos nacionais e internacionais, há um único trabalho que trata do item lexical ‘capaz’, intitulado “A multifuncionalidade do item “capaz” na fala gaúcha: uma abordagem baseada no uso”, publicado em 2014. Como o próprio nome indica, tal pesquisa insere-se no escopo dos estudos funcionalistas. De modo geral, os autores afirmam que as diferentes interpretações do item ‘capaz’ se devem a um processo de mudança semântico-pragmática e categorial chamado de “gramaticalização”¹⁸.

Para uma abordagem formal, como a da Semântica de Mundos Possíveis, que será detalhada na seção 2, entende-se que modais são operadores que atuam sobre a proposição, gerando uma proposição mais complexa. Assim, “[...] a modalidade interfere no conteúdo semântico que está sendo veiculado, expressando uma proposição complexa” (PIRES DE OLIVEIRA; SCARDUELLI, 2008, p. 216). Além disso, para quem assume o viés formal, como fazemos aqui, modais são expressões que veiculam necessidade ou possibilidade. Assim sendo, apesar de haver um estudo de base funcionalista sobre ‘capaz’, suas bases teóricas e seu foco conferem-no um caráter bastante diverso do estudo que ora apresentamos. Esclarecidos tais pontos, vamos discutir os casos de ‘capaz’ e suas singularidades enquanto modal.

Conforme viemos afirmando, ‘capaz’ possui uma característica de elemento modal, isto é, ele expressa possibilidade em certos contextos, tais como nos seguintes, em que modalidades diferentes¹⁹ são observadas (as sentenças (12), (13) e (14) já foram mencionados em (7), (8) e (9), acima):

(12) É **capaz** da Maria estar dormindo, porque ela trabalhou até tarde ontem (possibilidade epistêmica).

(13) Se a Maria se exercitar, é **capaz** de ela emagrecer (possibilidade epistêmico-tácita).

(14) É **capaz** do João estar doente, pois ele não chegou ainda (possibilidade doxástica).

(15) Pedro é **capaz** de falar sem mover os lábios (possibilidade físico-intelectual).

¹⁸ “[...] processo pelo qual um item lexical, impulsionado por certo contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical” (TRAUGOTT, 1995, p. 1). Considerações sobre a relevância da hipótese da gramaticalização para os casos que discutimos aqui estão fora do escopo deste artigo.

¹⁹ É importante ressaltar que uma mesma sentença modal pode apresentar mais de uma leitura, a depender do contexto. Aqui estamos ressaltando somente uma dessas leituras, a fim de mostrar que ‘capaz’ veicula possibilidade.

Nota-se em (12), (13), (14) e (15) características em comum, ou seja, as quatro sentenças expressam possibilidade devido à presença do modal ‘capaz’. Mas também podemos observar, por meio das paráfrases de (12’) até (15’), abaixo, que ocorrem diferentes interpretações de possibilidade:

(12’) Dado o que o falante sabe, é **possível** que Maria esteja dormindo, porque ela trabalhou até tarde ontem.

(13’) Dado o conhecimento generalizado, se a Maria se exercitar, é **possível** que ela emagreça.

(14’) Dado o que falante acredita, é **possível** que João esteja doente, pois ele não chegou ainda.

(15’) Dada a capacidade física de Pedro, ele **pode** falar sem mover os lábios.

Em termos gerais, pode-se dizer que em (12) a leitura de possibilidade resulta de um conjunto de evidências de que o falante dispõe. Afinal, ele sabe que Maria trabalhou até tarde ontem (evidência); portanto, é bem provável que ela tenha se cansado muito e ainda esteja dormindo (modalidade epistêmica). Em (13), por sua vez, veicula-se uma possibilidade que parece resultar de cálculos inferenciais, os quais se baseiam no conhecimento de casos gerais que todos compartilham (modalidade epistêmico-tácita): o falante sabe que praticar exercícios é um dos elementos que leva ao emagrecimento, desse modo, se Maria resolver se exercitar, é bem possível que ela emagreça (conhecimento de mundo comum a todos). Em (14), algo diferente ocorre, a possibilidade veiculada, na verdade, resulta de crenças do falante (modalidade doxástica), ou seja, ela surge baseada em algo que o falante acredita que seja verdade (ele não tem evidências concretas nesse caso): existe a possibilidade de que João esteja doente, pois ele ainda não chegou. Aqui, o falante pode nem conhecer o João, mas, mesmo assim, pode usar esse tipo de possibilidade diante do comentário de outra pessoa que conheça o João (não tem evidências, portanto), considere:

Contexto: O João é muito amigo da Maria. A Maria está conversando com sua vizinha, que não conhece o João, e conta a ela que o João não foi trabalhar hoje. A vizinha diz:

(14’’) É **capaz** do João estar doente, Maria. Se eu fosse você, ligava para ele.

Em (15), finalmente, a leitura de modalidade se dá especificamente sobre uma possibilidade física ou intelectual (modalidade físico-intelectual). Podemos ver que a leitura de possibilidade em (15’) é exposta quando se constrói uma paráfrase com ‘pode’, um operador modal que “(...) expressa uma possibilidade mais objetiva e implica factualidade” (PESSOTTO, 2011, p. 87). Assim, é devido

a sua capacidade física que Pedro tem a possibilidade de falar sem mover os lábios, diferentemente daqueles que não têm essa capacidade.

Poder-se-ia sugerir que talvez seja a expressão ‘é capaz’ que gera a leitura de modalidade, mas mesmo sem o verbo ‘ser’ no presente do indicativo antecedendo o modal, sua leitura de possibilidade se mantém. Considere (16), em que o verbo ‘ser’ está no presente do subjuntivo; (17), em que ele está no futuro do pretérito do indicativo; e (18), em que ‘capaz’ aparece desacompanhado do verbo.

(16) Se você ficar rico, talvez **seja capaz** de Maria casar contigo (modalidade epistêmica – leva em conta o que o falante sabe sobre a Maria).

(17) **Seria capaz** de chover sete dias, caso você pagasse as contas! (modalidade epistêmica – leva em conta o conhecimento que o falante tem sobre o ouvinte)

(18) A: Estou me sentindo enjoada!

B: **Capaz** de você estar grávida, amiga! (modalidade epistêmico-tácita – leva em conta o conhecimento comum/generalizado sobre gravidez)

Note que as sentenças (16) e (17), acima, não estão em predicados verbais episódicos e, também que há a presença de ‘talvez’ e do verbo ‘pagar’ no futuro do pretérito do indicativo – ‘pagasse’ – o que provavelmente favorece a ocorrência do ‘capaz’, com leitura de possibilidade. Porém, em um evento episódico, o ‘capaz’ também ocorre: ‘Parabéns! Soube que hoje você ganhou na Mega-Sena, capaz de agora a Maria casar contigo!’ e ‘Hoje você pagou suas contas! Capaz que chova, então!’

Tendo em vista os casos de ‘capaz’, que apresentam, no mínimo, quatro interpretações diferentes de possibilidade e, por isso, aproximam-se do comportamento semântico dos modais, na seção seguinte, apresentaremos as bases teórico-formais já propostas para os modais do PB e que pretendemos usar para explicar o comportamento modal de ‘capaz’ nessas quatro situações diferentes (assunto da seção 3).

2. AS ABORDAGENS FORMAIS PARA OS MODAIS

Como já mencionado, neste artigo nosso objetivo é o de analisar as interpretações modais de ‘capaz’ e estabelecer as características deste item dentro de uma perspectiva da semântica e da pragmática formal. Para tanto, utilizamos os subsídios teóricos da Semântica de Mundos Possíveis de Kratzer (1981, 1991, 2012) e as abordagens de Pires de Oliveira; Scarduelli (2008) e Pessotto (2011, 2015) para os modais do PB. Quando sugerimos que o item ‘capaz’ possui uma característica modal, estamos nos referindo à modalidade como a expressão de necessidade e de possibilidade. Especificamente, sugerimos que ‘capaz’ é um modal de possibilidade que altera o valor semântico da sentença prejacente (cf. von Stechow, 2006).

A possibilidade e a necessidade são os dois tipos de força modal que as expressões modais das línguas naturais podem apresentar. No entanto, uma expressão modal pode expressar vários tipos de modalidade a depender do contexto em que aparece, *i.e.*, a modalidade é relativa.

Observe os diferentes itens modais em (19), (20) e (21), abaixo. É possível perceber que eles têm força modal de possibilidade e/ou de necessidade, mas que dentro dessa classificação, há diferentes modalidades sendo expressas que se alteram com o contexto:

(19) João **pode** viajar amanhã.

(20) João **deve** entregar o trabalho na próxima semana.

(21) João **tem que** terminar essa faculdade até o fim do ano.

Em (19), afirma-se que ‘João viajar amanhã’ é uma possibilidade (força modal de possibilidade): porque não é certo que isso ocorra, mas o falante acredita que pode ser o caso – modalidade doxástica; ou porque João está disponível para viajar, dado que o falante sabe que ele não tem mais trabalhos da faculdade para fazer – modalidade epistêmica; ou, ainda, porque João tem permissão para viajar – modalidade deontica.

Já (20) é uma sentença ambígua devido às leituras de necessidade e de possibilidade do modal ‘deve’ (que possui força modal de necessidade e de possibilidade a depender do contexto relevante): ‘João entregar o trabalho’ é uma possibilidade forte, porque há evidências para isso – modalidade epistêmica; ou é uma necessidade (imagine que o prazo de João termina na próxima semana) – modalidade deontica.

(21) também é ambígua e isso se deve à interpretação do modal de necessidade ‘tem que’: ‘João terminar a faculdade até o final do ano’ é uma necessidade (obrigação) – modalidade deontica; ou pode ser a expressão de desejo do falante (sua mãe) – modalidade desiderata (ou bulética).

Para entendermos as propostas de Kratzer, vamos começar com as concepções básicas. Uma delas é a conceituação formal de modal, como a indicada por Pessotto (2015, p. 15): “[...] expressões modais são operadores sobre proposições, as quais denotam conjuntos de mundos²⁰”.

A definição de modal envolve a definição de proposição, que numa Semântica de Mundos Possíveis também envolve mundos. Especificamente, a definição corrente de proposição, segundo Pessotto (2015, p. 43), é: “Uma proposição é um conjunto de mundos possíveis ou, de forma equivalente, uma proposição é uma função de mundos possíveis em valores de verdade” (cf. HAACK, 2002, p. 116). Em outras palavras, proposições denotam conjuntos de mundos possíveis (PESSOTTO, 2011b, p. 39).

²⁰ Mundos possíveis são “Modos como as coisas podem ser. [...] Evidentemente, o modo como as coisas são é um modo como as coisas podem ser. De forma que o mundo atual é um dos mundos possíveis” (BRANQUINHO; MURCHO; GOMES, 2006, p. 532).

Dito isso, já podemos falar na verdade de uma proposição. Tal elemento tem a seguinte condição, segundo Kratzer (1991, p. 640): “**Truth of a proposition:** a proposition p is true in a world $w \in W$ iff $w \in p$. Otherwise, p is false in w ”. Assim, uma proposição p é verdadeira em um mundo w em W (conjunto universo de mundos) se e somente se $w \in p$. De modo geral, uma proposição é verdadeira em um mundo w , se esse mundo pertence àquela proposição p . Se for de outro modo, a proposição é falsa.

Por exemplo, assumimos, aqui, que ‘capaz’ semanticamente expressa possibilidade e para modais de possibilidade deve haver pelo menos um mundo no universo de mundos possíveis em que a proposição é verdadeira. Em uma sentença como ‘É capaz de chover’, a proposição ‘chover’ será verdadeira se, pelo menos em um mundo (w) do universo de mundos (W), ‘chover’ é o caso. Agora, modais de necessidade, como ‘tem que’, exigem que, em todos os mundos do universo de mundos possíveis, a proposição seja verdadeira. Assim, ‘tem que chover’ será verdadeiro se em todos os mundos é o caso que chove.

Pessotto (2011a) explica a diferença entre os modais de possibilidade e os modais de necessidade. Segundo a autora,

[...] modais de possibilidade correspondem à quantificação existencial sobre mundos (há pelo menos um mundo no universo de mundos possíveis em que a sentença é verdadeira) e modais de necessidade correspondem à quantificação universal sobre mundos (em todos os mundos do universo de mundos possíveis, a sentença é verdadeira) (PESSOTTO, 2011a, p. 15).

Assim, vemos que o tipo de quantificação – universal ou existencial – é que determina se a força expressa pelo modal é de necessidade ou de possibilidade. Como expressões modais são operadores de necessidade ou de possibilidade, eles tomam uma proposição (com certo valor de verdade) e geram outra proposição mais complexa. Para exemplificar a atuação do operador modal, utilizamos a representação do modal ‘poder’ de Pessotto (2015, p. 45):

(22) Ana ler o livro²¹

(22’) [Pode [Ana ler o livro]]

(22’’) Ana pode ler o livro.

Percebemos que o operador de possibilidade ‘pode’ toma a sentença (22) e gera a sentença modal em (22’’). Em termos semânticos, o operador ‘pode’ toma a proposição ‘Ana ler o livro’ como argumento e gera outra proposição. Como ‘pode’ é um modal de possibilidade e, por isso, é um quantificador existencial sobre mundos, ele indica que há pelo menos um mundo no universo de mundos possíveis em que a proposição encaixada ‘Ana ler o livro’ é verdadeira. Adiante, quando introduzirmos os demais ingredientes da modalidade, segundo Kratzer,

²¹ Conforme Pessotto (2015, p. 44), (22) representa uma estrutura rudimentar de sentença em que se negligencia qualquer flexão verbal ou estrutura de tempo e aspecto.

essa representação será ampliada, ao introduzirmos mais um argumento à representação, resultante do fundo conversacional, como em: (operador modal ((fundo conversacional), (proposição))).

Desse modo, pode-se dizer que as condições de verdade da sentença em (22'') são similares a: (22'') é verdadeira se existir ao menos um mundo possível em que 'Ana ler o livro' é verdadeira, *i.e.*, (22'') é V se existe ao menos um *w* em que *p* é V. De outro modo, (22'') é falsa²². Nota-se que a semântica de mundos possíveis, assim, é uma abordagem formal que modela o deslocamento do ponto de avaliação nas dimensões temporal e modal (cf. Pessotto, 2015).

Um dos desafios relacionados ao significado das sentenças modais é o fato, que já assinalamos, de que uma mesma sentença modal pode apresentar mais de uma leitura, a depender do contexto. Por exemplo, para (22'') as seguintes leituras são possíveis para o modal de possibilidade 'poder', *i.e.*, um item com a mesma força modal (cf. Pessotto, 2015): (i) Ana tem permissão para ler o livro (interpretação deôntica – relacionada às leis e à moral); (ii) Para que a Ana entenda do assunto, uma possibilidade é ela ler o livro (interpretação teleológica – relacionada ao alcance de objetivos de Ana); (iii) Dadas as evidências disponíveis/o que eu sei sobre a Ana, pode ser que a Ana leia o livro (interpretação epistêmica – relacionada ao conhecimento evidencial do falante), entre outras.

Considere mais uma exemplificação envolvendo a restrição dos mundos e as diferentes interpretações do modal em contextos diferentes - com modais de possibilidade e de necessidade respectivamente.

(24) Maria **pode** votar nessa eleição.

(25) Maria **tem que** votar nessa eleição.

Em (24), é possível que Maria vote, mas não é necessário que ela o faça. Se ela tem 16 anos, o voto é facultativo, assim, a sentença em (24) é adequada para a situação. Portanto, em pelo menos um mundo, no universo de mundos possíveis, (24) é verdadeira. Para (25), a situação é diferente, a força modal é de necessidade, pois, em uma das leituras dessa sentença, é necessário que Maria vote. Por exemplo, se Maria tem 21 anos e se tomarmos o mundo de avaliação como sendo o mundo em que vivemos, depois dos 18 anos é obrigatório votar nas eleições (ao menos no Brasil). Sendo assim, em todos os mundos possíveis em que as leis são como as brasileiras, a proposição veiculada por (25) é verdadeira. Aqui, restringimos a avaliação aos mundos em que as leis (eleitorais) são como as que temos no nosso mundo, as do contexto brasileiro, especificamente.

²² Observamos, assim, que o valor de verdade de (22'') não pode ser calculado através de uma semântica extensional (cf. Frege, 1892), pois estamos diante de um cálculo intensional, isto é, um cálculo que leva em conta mundos possíveis - outros mundos que não somente o mundo "atual". Por exemplo, 'o dragão verde' e 'o cavalo falante' são expressões que não tem referência no mundo atual/ "real", apesar disso, elas têm sentidos (diferentes) e são interpretadas pelos falantes. Para dar conta disso, é preciso conceber outros mundos em que tais itens tenham referência (e sentido) e possam ter sua semântica estabelecida.

Segundo Pires de Oliveira e Scarduelli (2008, p. 221), essa restrição do conjunto de mundos em que a proposição será avaliada é chamada de “relação de acessibilidade” e também é necessária para explicar por que uma sentença modal pode receber várias interpretações. A relação de acessibilidade permite explicar essas diferentes interpretações, porque ela restringe os mundos²³ de acordo com o que está sendo discutido.

Em (25), por exemplo, uma das interpretações pode ser de desejo, *i.e.*, (25) pode expressar um desejo de que Maria vote. Isso se daria se estivéssemos num contexto mais restrito, como numa eleição de um síndico, em que o voto de Maria fosse decisivo e Pedro proferisse (25), como um desejo que ela votasse para que determinado candidato fosse eleito. Aqui, a relação de acessibilidade restringiria os mundos de avaliação para os mundos do desejo de Pedro e não para os mundos em que as leis eleitorais são como as brasileiras. Vemos, assim, que o contexto é crucial para determinar a modalidade em cada situação.

Para ‘capaz’ ocorre o mesmo, pois a relação de acessibilidade restringe os mundos do contexto. Especificamente, ela restringe o domínio do quantificador de possibilidade. Em ‘É capaz da Maria passar na prova’ pode-se ter uma modalidade epistêmica (baseada em evidências), se o falante sabe que a Maria estudou, ela é dedicada em tudo que faz e ela demonstra inteligência acima da média; ou pode-se ter uma modalidade doxástica (baseada em crenças), se o falante sabe que Maria não estudou, que ela focou somente em atividades de lazer e que, mesmo assim, a sorte pode ajudá-la.

Para Kratzer (1981, 1991, 2012) há três elementos essenciais relacionados em uma sentença modal: a força modal (já abordada), a base modal e a fonte de ordenação. De modo geral: (i) **a força modal** diz respeito ao conjunto de mundos e determina se estamos diante de um modal de possibilidade ou de necessidade (está é a única informação dada pelo item lexical). Segundo viemos afirmando ‘capaz’ é um modal com força de possibilidade; (ii) **a base modal** restringe o conjunto de mundos, o qual colabora na atribuição de um valor de verdade à proposição; (iii) **a fonte de ordenação** organiza os mundos da base modal de acordo com o contexto relevante.

Para Kratzer (2012), os operadores de modalidade, como ‘pode’ e ‘deve’, são operadores binários que relacionam uma proposição e um fundo conversacional. Mortari e Pires de Oliveira (2014, p. 179-181) reafirmam esse ponto e apresentam a forma lógica de uma sentença modal:

No modelo de Kratzer, os auxiliares modais são operadores binários, que relacionam uma proposição a um *fundo conversacional*, que irá fixar o tipo de modalidade. Assim, a sentença [...] com a interpretação epistêmica, tem a seguinte forma lógica:

◇²⁴ ((dado o que o falante sabe), (João está na festa)).

²³ Nesse conjunto de mundos pode estar o mundo “real”, o mundo em que estamos e que podemos representar por ‘w@’.

²⁴ Na lógica modal, é usual utilizar o losango ‘◇’ para denotar possibilidade e o quadrado ‘□’ para denotar necessidade.

Note-se que o losango \diamond (pode) passa a ser um operador binário, tendo como argumentos ‘dado o que o falante sabe’ e ‘João está na festa’. O argumento ‘dado o que o falante sabe’ é fornecido pelo fundo conversacional, o conjunto de proposições compartilhadas pelos interlocutores.

Desse modo, a representação de uma sentença modal seria como segue:

(26) (operador modal ((fundo conversacional), (proposição)))

O fundo conversacional diz respeito ao contexto de proferimento da sentença, ou melhor, ao conjunto de sentenças que formam o contexto (ao conhecimento compartilhado que os falantes têm e a partir do qual se profere uma sentença modalizada). A base modal é, em geral, não pronunciada e depreendida do contexto de proferimento, *i.e.*, é dada pelos mundos do fundo conversacional.

O fundo conversacional, além de restringir o conjunto de mundos a que a proposição será vinculada, preenche ainda a outra variável contextual necessária à interpretação de uma sentença modal, qual seja, a fonte de ordenação.

A fonte de ordenação, a inovação introduzida por Kratzer que dá origem ao que se chama de Semântica de Ordenação²⁵, organiza os mundos possíveis, já restringidos pela base modal, de acordo com um conjunto de mundos pré-estabelecidos pelo contexto, o qual projeta um mundo ideal. Segundo Pessotto (2011a, p. 33), ela capta a noção de gradualidade em sentenças modais (explicando sobre leituras em que *p* pode ser mais ou menos possível, por exemplo ‘É bem possível que chova’ vs. ‘É pouco possível que chova’).

Pires de Oliveira e Scarduelli (2008, p. 229) esclarecem que uma fonte de ordenação pode ser “**alética**, diz respeito às leis da lógica; **deôntica**, diz respeito às leis e moral; **teleológica**, indica os objetivos; **desiderata** [ou bulética], leva em consideração os desejos do falante; **doxástica**, diz respeito às crenças” (**grifo nosso**).

Segundo as concepções de Kratzer (1981, 1991, 2012),

[...] modal words require for their interpretation a specification of the kind of modality involved. This specification can be given by linguistic or non-linguistic means. Linguistic means for specifying the necessary piece of information are phrases like *in view of what we know, given the regulations, in view of what the law provides* [...] (KRATZER, 1991, p. 640, original)²⁶.

Um exemplo da especificação explícita do tipo de modalidade envolvida, mencionada por Kratzer, pode ser encontrada numa sentença como (27), abaixo.

²⁵ Segundo Pessotto (2011b, p. 39), a fonte de ordenação é introduzida por Kratzer para dar conta da noção de gradualidade, já que em línguas naturais há expressões como “é pouco possível que” ou “é mais provável que” ou “p é tão possível quanto q”, as quais expressam gradualidade além do estritamente possível e do necessário. A fonte de ordenação organiza os mundos da base modal de modo que alguns mundos fiquem mais distantes e outros mais próximos de mundos considerados ideais, dado um parâmetro contextual. Quanto mais próximo dos mundos ideais a fonte de ordenação coloca o mundo, mais possível ele é (PESSOTTO, 2011b, p. 39).

²⁶ [...] modais exigem a especificação do tipo de modalidade envolvida para serem interpretados. Essa especificação pode ser dada por meios linguísticos ou não-linguísticos. Os meios linguísticos para especificar a parte necessária da informação são sintagmas como *em vista do que sabemos, dados os regulamentos, em vista do exigido pela lei* [...] (KRATZER, 1991, p. 640, tradução nossa).

Nela, a locução ‘por tudo que eu sei’ explicita uma modalidade epistêmica (do grego *epistême*: conhecimento certo).

(27) **Por tudo que eu sei**, João pode desistir da prova. Afinal ele não teve tempo de estudar.

No entanto, essa locução (‘por tudo que eu sei’) pode não vir acompanhando o proferimento e, assim, o tipo de modalidade pode ser depreendida somente pelo contexto. Por exemplo, eu tenho conhecimento de que João não estudou, sei que ele está bastante inseguro e numa conversa com a sua namorada, alerto-a dizendo ‘João pode desistir da prova’. Mesmo sem a locução, temos uma modalidade epistêmica sendo expressa.

Retomando, a base modal e a fonte de ordenação formam o chamado “fundo conversacional”. Kratzer (1991, p. 641) define, formalmente, o fundo conversacional como uma função de contexto que atribui a cada mundo de W um conjunto de proposições relevantes naquele contexto. Por exemplo, dado o **contexto 1**, especificado como segue:

$$W = \{w_1, w_2, w_3\}$$

$$w_1 = \{\text{Maria é mulher, Maria tem 18 anos, Maria é professora}\}$$

$$w_2 = \{\text{Maria é mulher, Maria tem 24 anos, Maria é professora}\}$$

$$w_3 = \{\text{Maria é mulher, Maria tem 80 anos, Maria é aposentada}\}$$

vemos que o conjunto universo W , daquele contexto específico, é formado por 3 mundos possíveis (w_1, w_2, w_3) e cada mundo é formado por um conjunto de proposições (verdadeiras naquele mundo). Todos esses elementos formam um fundo conversacional.

Além disso, também vimos que proposições são conjuntos de mundos. Desse modo, podemos utilizar o contexto 1, acima, e formar o conjunto de mundos de cada proposição, considere:

$$p - \text{ Maria é mulher} = \{w_1, w_2, w_3\}$$

$$q - \text{ Maria tem 18 anos} = \{w_1\}$$

$$r - \text{ Maria tem 24 anos} = \{w_2\}$$

$$s - \text{ Maria é professora} = \{w_1, w_2\}$$

$$t - \text{ Maria tem 80 anos} = \{w_3\}$$

$$u - \text{ Maria é aposentada} = \{w_3\}$$

Desse modo, o fundo conversacional é formado por um conjunto (w_1, w_2, w_3) de conjuntos de mundos (proposições), dados acima:

$$W = \{ \{ \{w_1, w_2, w_3\}, \{w_1\}, \{w_1, w_2\} \}, \{ \{w_1, w_2, w_3\}, \{w_2\}, \{w_1, w_2\} \}, \{ \{w_1, w_2, w_3\}, \{w_3\}, \{w_3\} \} \}$$

Assim, os vários significados desempenhados pelos modais (epistêmico, deôntico, doxástico, bulético, etc.), já exemplificados anteriormente, são determinados relativamente ao fundo conversacional, composto por dois tipos de informação contextual: **a base modal e a fonte de ordenação**.

A base modal determina um conjunto de mundos possíveis, e a fonte de ordenação impõe uma ordem para tal conjunto. Portanto, entende-se a base modal como o próprio conjunto de mundos; já a fonte de ordenação teria a função de organizar os possíveis mundos fornecidos pela base modal, distanciando-os ou aproximando-os, de acordo com o contexto, do que é tomado como base — o mundo ideal daquele contexto.

Tomando o modelo de sistema que desenvolvemos até aqui como sendo um fundo conversacional com base modal deôntica, *i.e.*, relacionada às leis e regulações de um mundo de avaliação como sendo o nosso mundo, digamos $w@$, a sentença ‘A Maria tem que votar’, com o modal ‘tem que’, veiculando necessidade deôntica, é necessariamente verdadeira nos mundos $w1$ ²⁷ e $w2$ ²⁸. Isso se dá porque estamos tomando como base as leis do Brasil, nosso $w@$, em que Maria é obrigada a votar se maior de 18 anos e menor de 70 anos. Nesse sentido, o mundo possível $w3$ estaria mais distante que os mundos $w1$ e $w2$ do mundo ideal (de avaliação ou $w@$), o que representaria a fonte de ordenação deôntica. Algo que poderia ser representado informalmente como na Figura 1.



Figura 1: Representação informal do fundo conversacional deôntico para (25).

Apresentados alguns dos aspectos essenciais de uma Semântica de Mundos Possíveis, na seção 3, abaixo, apresentaremos uma análise semântico-pragmática do item ‘capaz’, enquanto modal de possibilidade, utilizando as concepções ora apresentadas.

3. ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES MODAIS DE ‘CAPAZ’

O foco deste estudo está sobre a leitura de ‘capaz’ como um modal, detalhada na seção 1. Desse modo, nesta seção discutiremos as particularidades de ‘capaz’ como modal utilizando as concepções da Semântica de Mundos Possíveis e de Pires de Oliveira; Scardueli (2008) e Pessotto (2011, 2015) - expostas na seção

²⁷ $w1 = \{ \text{Maria é mulher, Maria tem 18 anos, Maria é professora} \}$

²⁸ $w2 = \{ \text{Maria é mulher, Maria tem 24 anos, Maria é professora} \}$

2 - que se resumem a três noções: (i) força modal, (ii) base modal, e (iii) fonte de ordenação. Esses três ingredientes serão analisados em relação a ‘capaz’ nas seções 3.1 até 3.4.

Grosso modo, afirmamos que ‘capaz’ é um modal com força modal de possibilidade (informação dada pelo item lexical, e que, portanto, não muda de acordo com o contexto considerado), que na abordagem da semântica de mundos possíveis é um quantificador existencial sobre mundos possíveis e suas condições de verdade são, de modo geral, como: ‘existe ao menos um mundo possível (w) em que a proposição veiculada (p) é verdadeira’. Além disso, ‘capaz’, como todos os modais, é um item que expressa diferentes modalidades a depender do contexto considerado, especificamente: epistêmica, epistêmico-tácita²⁹, doxástica e físico-intelectual.

Esses quatro tipos de modalidades vinculadas ao modal ‘capaz’ e a discussão sobre a base modal e a fonte de ordenação de cada uma delas será feita a seguir.

3.1. Fundo conversacional epistêmico

Para discutir a modalidade epistêmica de ‘capaz’, baseada em conhecimento evidencial do falante, em relação a sua base modal e a sua fonte de ordenação considere o contexto e o exemplo (29):

Contexto: Carla divide a casa com a amiga Ivi. Na noite anterior, Carla foi até a cozinha às duas horas da madrugada e encontrou Ivi estudando. Pela manhã, Carla encontra Luis na faculdade que pergunta pela Ivi. Carla conta-lhe que Ivi estudou até tarde ontem. E ele diz:

(29) **Capaz** dela chegar atrasada, né?!

Vemos que em (29), o falante afirma que é possível (ao menos em um w), dado o que ele sabe, que Ivi chegue atrasada e não que ela vai fazê-lo necessariamente (em todos os w de W). Notamos também que em (29) o falante mobiliza evidências, isto é, o que ele sabe daquele contexto, o que leva a uma possibilidade epistêmica.

A base modal, como vimos, diz respeito ao processo de restrição do conjunto de mundos que será utilizado para atribuir um valor de verdade para a proposição. Para a sentença dada em (29), a base modal é epistêmica. Isso pode ser comprovado quando explicitamos a base modal na sentença através de uma locução e tal atitude não altera o seu significado, considere:

(30) **Por tudo que eu sei**, é capaz da Ivi chegar atrasada.

Em relação a (29), há outras possibilidades morfossintáticas que podemos testar como:

²⁹ Esta denominação não é encontrada na literatura, no entanto, por razões que exporemos na seção 3.2, sugerimos uma subcategorização da modalidade epistêmica canônica para que a interpretação de ‘capaz’ fosse mais bem descrita.

(31a) #³⁰Ela é **capaz** de chegar atrasada, né?!

(31b) É **capaz** dela chegar atrasada, né?!

(31c) É **capaz** que ela chegue atrasada, né?!

Para os casos (31b) e (31c), a modalidade epistêmica de ‘capaz’ se mantém. Em (31a), no entanto, a leitura que se sobressai é a de capacidade, ou seja, de possibilidade físico-intelectual; por isso, (31a) mostra-se inadequada para o contexto dado em (29).

A fonte de ordenação é o elemento que organiza os mundos da base modal, considerando o contexto. Nesse caso, por exemplo, para a sentença (29) acima, os mundos em que Ivi chega atrasada na faculdade são os mundos mais próximos do mundo “ideal”³¹ (digamos w@, isto é, o mundo real) dada a situação. Afinal se a pessoa ficou acordada até tarde, há grandes chances de ela dormir mais que o usual por não escutar o despertador, por estar cansada, etc. Agora, os mundos em que ela chega no horário estão um pouco mais distantes do mundo “ideal” e os mundos em que ela chega antes do horário, bem disposta e maquiada estão ainda mais distantes.

Os exemplos em (32) e (33) também possuem um fundo conversacional com base modal epistêmica, pois neles usamos evidências para afirmar a possibilidade dos fatos veiculados na proposição sob o escopo do operador modal (como representamos informalmente em (32’) e (33’)).

Contexto: Pedro e Sara vão, pela primeira vez, a um famoso restaurante cuja especialidade é feijoada. No local, os clientes podem acompanhar o preparo do prato. Pedro e Sara observam os ingredientes serem adicionados e veem que são de boa qualidade. Além disso, sentem o delicioso aroma do prato que chega até eles. Sara diz:

(32) O cheiro do feijão está muito bom³². É **capaz** dele estar gostoso mesmo.

(32’) **Capaz**((de acordo com as evidências que o falante dispõe), (feijão estar gostoso))

Contexto: Davi quer ir jogar futebol, mas está gripado. Sua mãe disse que, se chover, ele não pode ir. A mãe vai até a janela, vê as nuvens carregadas no céu, o vento forte lá fora e diz:

³⁰ ‘#’ marca a inadequação da sentença ao contexto.

³¹ “Ideal” não tem a conotação de ser um mundo perfeito e sim um mundo que mais se ajusta à base modal considerada.

³² A primeira parte das sentenças (32) e (33) representam as evidências (observadas/proferidas/compartilhadas) para a interpretação epistêmica. Escolhemos colocá-las como parte do proferimento para que isso ficasse mais claro.

(33) Pelas nuvens no céu, é **capaz** de chover a qualquer momento.

(33') **Capaz** ((de acordo com as evidências que o falante dispõe), (chover))

Em (32), o contexto restringe os mundos da base modal direcionando a leitura da sentença à modalidade epistêmica, já que o cheiro do feijão, a fama do restaurante, os ingredientes utilizados no preparo são evidências, ou seja, informações disponíveis que geram a modalidade epistêmica. Logo, na fonte de ordenação temos que os mundos em que o feijão está gostoso estão mais próximos do mundo ideal (de avaliação $w@$), dadas as evidências, e os w em que o feijão não está gostoso estão mais distantes. O mesmo ponto pode ser afirmado para (33), pois há evidências (vento forte, nuvens carregadas) que levam a uma possibilidade epistêmica de ‘capaz’.

Em relação à base modal epistêmica, podemos afirmar que em ao menos um w , acessível do mundo de avaliação ($w@$), as proposições ‘chover’ e ‘feijão estar gostoso’ são verdadeiras. Tais proposições não são necessárias, isto é, não são verdadeiras em todos os mundos de W .

Portanto, as sentenças de (29) – (33) exprimem uma possibilidade epistêmica veiculada pelo item ‘capaz’. Essa interpretação se dá porque os interlocutores dispõem de evidências sobre o que é afirmado na proposição; tal possibilidade só pode ser expressa por meio de tais evidências.

3.2. Fundo conversacional epistêmico-tácito

Nesta seção, trataremos de uma leitura de possibilidade do modal ‘capaz’ que, à primeira vista, parece ser epistêmica, *i.e.*, parece ser baseada no que o falante sabe. No entanto, ela tem duas diferenças em relação à leitura epistêmica “canônica”: (i) está ligada ao desenrolar normal dos fatos ou de acordo com a normalidade/esperado e (ii) não é um saber baseado em evidências do contexto relevante e, sim, um saber baseado na generalidade, por isso a denominamos “modalidade epistêmico-tácita”. Um exemplo desse caso é dado em (34), abaixo, cuja paráfrase está em (34’):

Contexto: João está conversando com sua mãe sobre a sua irmã Maria. Ele diz que Maria está triste porque não consegue emagrecer. A mãe diz (sem saber que Maria malha três vezes por semana):

(34) **Capaz** da Maria emagrecer, se ela se exercitar³³.

³³ Essa sentença pode ter mais de uma leitura, a depender do contexto considerado. Ela pode ter leitura epistêmica e epistêmico-tácita. A primeira se dá, conforme afirmamos neste artigo, com base em um conhecimento evidencial do contexto de proferimento (e de todos seus elementos), *i.e.*, conhecimento relacionado àquela situação particular e a seus elementos (falante, ouvinte, local etc.). O conhecimento epistêmico-tácito é de senso comum e, possivelmente (mas não necessariamente) sua origem se deu com base em evidências. No entanto, ele se baseia em generalizações e, por isso, podem não se aplicar àquele caso específico e, assim, ser equivocado. Por exemplo: Uma colega conta que Maria está com enjoo. Marta usando seu conhecimento epistêmico-tácito (e equivocado) de que toda gestante têm enjoos diz: ‘Só pode tá grávida’. Já Carlos usando seu conhecimento evidencial, pois verificou a pressão da Maria, diz: ‘Maria tá com uma crise de hipertensão’.

(34') De acordo com o senso comum, é possível Maria emagrecer (se ele se exercitar).

Em (34), o falante sabe, porque é um saber comum, que praticar exercícios leva ao emagrecimento, desse modo, para ele, se Maria se exercitar, é bem possível que ela emagreça, ou seja, a possibilidade aqui parece ser baseada em um conhecimento comum. Em outras palavras, não é um saber baseado em evidências originadas daquele contexto em particular, já que João poderia responder à mãe, dizendo que Maria já faz exercícios três vezes por semana e, mesmo assim, não emagrece. O que se observa aqui é a utilização de um conhecimento comum e generalizado e não um conhecimento evidencial relacionado ao contexto relevante (aquele contexto particular). O que gera uma avaliação equivocada (da mãe) em relação ao fato de Maria não perder peso.

Assim, em (34), por meio da fonte de ordenação de 'capaz' com leitura epistêmico-tácita, os mundos da base modal mais próximos do mundo de avaliação (o mundo real, $w@$, em que todos sabem que fazer exercícios emagrece) são aqueles w em que Maria se exercita e elimina peso. Os w em que ela se exercita e mantém o peso estão mais distantes do que os primeiros. Finalmente, os w em que ela se exercita e ganha peso são os mais distantes do mundo de avaliação da modalidade epistêmico-tácita.

Podemos testar outras possibilidades morfossintáticas para (34), como:

(34a) #Maria é **capaz** de emagrecer, se ela se exercitar.

(34b) É **capaz** da Maria emagrecer, se ela se exercitar.

(34c) É **capaz** que a Maria emagreça, se ela se exercitar.

Para (34b) e (34c), a modalidade epistêmico-tácita de 'capaz' se mantém. Em (34a), no entanto, a leitura que sobressai é a de capacidade, ou seja, possibilidade físico-intelectual; por isso, (34a) mostra-se inadequada para o contexto em discussão.

3.3. Fundo conversacional doxástico

Nesta seção, discutiremos a possibilidade doxástica, que é baseada em crenças do falante, *i.e.*, a leitura não envolve evidências e, sim, o que o falante acredita. Considere o caso desse tipo de possibilidade em (35) (já mencionada em (14)), cuja interpretação relevante é parafraseada em (35'), abaixo:

Contexto: João é o novo contratado de uma loja e ninguém o conhece, exceto a gerente que o admitiu. A loja já abriu, João não apareceu para trabalhar, então, um dos vendedores diz para a gerente:

(35) É **capaz** do João estar doente³⁴.

(35') Dado o que falante acredita, é **possível** que João esteja doente.

Em (35), a interpretação de possibilidade resulta das crenças do falante, ou seja, os mundos da base modal são restringidos pelas crenças do falante, que nem conhece o João. Note que a leitura doxástica de 'capaz' não se baseia em evidências concretas (do contexto ou de conhecimento comum). Simplesmente, o falante crê que João esteja doente e usa 'capaz' veiculando a possibilidade doxástica.

A fonte de ordenação de 'capaz' com leitura doxástica, levando em consideração os mundos acessíveis do mundo de avaliação – mundo das crenças do falante – coloca: (i) os w em que João está doente mais perto do mundo de avaliação; (ii) os w em que João está bem (mas que não chegou porque perdeu o ônibus) mais distantes que os primeiros; e (iii) os w em que João está bem e que não foi trabalhar porque foi numa festa e bebeu demais, mais distantes do que os anteriormente citados.

Em relação à base modal da modalidade doxástica, podemos afirmar que essa possibilidade indica que, em ao menos um w, acessível do mundo de avaliação (crenças do falante), a proposição 'João estar doente' é verdadeira. Tal proposição não é necessária, isto é, não é verdadeira em todos os mundos de W.

Em relação a outras possibilidades morfossintáticas de (35), considere:

(35a) * João é **capaz** de estar doente

(35b) É **capaz** do João estar doente.

(35c) É **capaz** que o João esteja doente.

Para os casos (35b) e (35c), a modalidade doxástica de 'capaz' se mantém. Em (35a), no entanto, temos uma sentença agramatical, visto que nesse caso surge uma leitura de capacidade em que João parece ter a habilidade de ficar/estar doente, mas essa agramaticalidade deve-se ao tipo de predicado aliado ao 'capaz'. Se mudarmos a sentença para 'João é capaz de terminar essa mudança hoje' teremos, entre outras, uma leitura epistêmica canônica (dado o que conheço do João sobre sua rapidez com mudanças) e também uma leitura de possibilidade físico-intelectual. Nesses casos, a sentença passa a ser inadequada para o contexto em (35), deixando de ser agramatical.

Considere mais exemplos da modalidade doxástica veiculada por 'capaz' em (36) e (37) abaixo:

Contexto: Aline é filha única e vai fazer as provas do Enem para tentar uma vaga em Medicina. No entanto, Aline não frequentou as aulas do cursinho e ia a todas as festas da cidade. Sua confiante mãe diz à vizinha:

³⁴ Essa sentença pode ter outras leituras em contextos diferentes, por exemplo, ela pode exprimir possibilidade epistêmica ou epistêmico-tácita.

(36) **Capaz** da Maria passar na prova, mesmo sem ter estudado.

Em (36), o falante acredita que é possível que Maria passe na prova ainda que não tenha estudado. Assim, além de não se ter uma evidência para a verdade da proposição ‘Maria passar na prova’, ainda há fatos que levariam a outra conclusão. Na verdade, há a negação da possível evidência, já que, geralmente, só quem estuda tem bom rendimento. Isso se dá, porque a verdade de p está baseada unicamente na crença do falante sobre a capacidade de Maria.

Contexto: Francisco chegou a Pato Branco, não conhece a cidade, nem os horários dos coletivos urbanos. Ele vai para o ponto de ônibus e percebe um coletivo se aproximando e diz:

(37) É **capaz** daquele ser meu ônibus.

Aqui, o falante também não tem evidências de que o ônibus que se aproxima seja o que ele deve pegar. Assim, o modal ‘capaz’ está veiculando uma leitura baseada nas crenças otimistas de Francisco, representando a modalidade doxástica.

3.4 Fundo conversacional de possibilidade físico-intelectual

Nesta seção, discutiremos a possibilidade físico-intelectual veiculada pelo modal ‘capaz’ (àquela relacionada à capacidade). Considere os exemplos abaixo:

(38) Marcelo é **capaz** de correr 100 quilômetros.

(39) Eduardo é **capaz** de fazer todas tarefas sem ajuda de ninguém.

(40) Aninha é **capaz** de cantar em inglês.

A possibilidade físico-intelectual veiculada pelo modal ‘capaz’ tem uma fonte de ordenação em que os w em que Marcelo corre 100 quilômetros, Eduardo faz todas as tarefas sem ajuda e Ana canta em inglês são mundos, acessíveis do w de avaliação (que pode ser o nosso mundo, $w@$), que estão mais próximos de $w@$ (são mais possíveis). E os w em que isso não acontece estão mais distantes do mundo de avaliação.

Além disso, nas condições de verdade das sentenças, se afirma que há pelo menos um mundo w , acessível do mundo de avaliação, em que ‘Marcelo corre 100 quilômetros’, ‘Eduardo faz todas as tarefas sem ajuda’ e ‘Ana canta em inglês’ são verdadeiras.

Nas sentenças com modalidade físico-intelectual, ‘capaz’ possui uma leitura de capacidade, habilidade que não encontramos nas demais modalidades. Nesse sentido, a possibilidade físico-intelectual é diferente da modalidade epistêmica, epistêmico-tácita e doxástica. No entanto, há ainda possibilidade sendo veiculada

e, por isso, a modalidade, já que paráfrases adequadas para as interpretações de (38) a (40) são realizadas com o modal ‘poder’, observe:

(38’) Dado seu preparo físico, Marcelo pode correr 100 quilômetros.

(39’) Dada sua capacidade de organização, Eduardo pode fazer todas as tarefas sem ajuda.

(40’) Dada sua habilidade intelectual, Aninha pode cantar em inglês.

Além disso, outra diferença que essa modalidade de ‘capaz’ apresenta em relação às demais é que somente na possibilidade físico-intelectual a mudança de tempo verbal não afeta a gramaticalidade da sentença:

(41a) *Será capaz da Maria chegar atrasada, porque ela trabalhou até tarde ontem (para leitura epistêmica em (30))

(41b) *Se a Maria se exercitar, será capaz de ela emagrecer (para leitura epistêmico-tácita em (34)).

(41c) *Foi capaz do João estar doente, pois ele não chegou ainda (para leitura doxástica em (35)).

(41d) Vitor foi capaz de mover um móvel com a força do pensamento (para leitura físico-intelectual em (10)).

Ou seja, somente, em (41d), a modalidade (físico-intelectual) sobrevive à mudança do tempo verbal³⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, sugerimos que o item lexical ‘capaz’ desempenha, na gramática do PB, a função de marcador conversacional e tem leituras de negação e de modal. Os dois primeiros casos, por razões de espaço, não são discutidos em detalhes aqui, pois focamos nas leituras de ‘capaz’ como modal.

Neste estudo, especificamente, as considerações feitas se dão sob um viés da semântica e da pragmática formal, especialmente, sob as concepções da Semântica de Mundos Possíveis, conforme Kratzer (1981, 1991, 2012) e os achados de Pires de Oliveira; Scarduelli (2008) e Pessotto (2011, 2015) para os modais PB. Nosso intuito foi o de analisar os diferentes significados do modal ‘capaz’ utilizando as noções formais dessas abordagens: força modal, base modal e fonte de ordenação.

A partir disso, de modo geral, verificamos que ‘capaz’ é um modal com força modal de possibilidade e que desempenha quatro tipos de leitura, quais sejam:

³⁵ Um dos muitos aspectos importantes observados pelos pareceristas anônimos desta revista.

possibilidade físico-intelectual, possibilidade doxástica (leva em conta as crenças do falante e não evidências para o que se afirma na proposição sob o escopo do modal), possibilidade epistêmica (leva em conta o que se sabe, por isso, se dá com base em evidências relacionadas ao contexto particular de proferimento) e possibilidade epistêmico-tácita (se dá com base no conhecimento comum e não leva em conta evidências da situação de proferimento).

Desse modo, sugerimos que as noções formais de base modal, que determina um conjunto de mundos possíveis, e de fonte de ordenação, que impõe uma ordem para tal conjunto, foram essenciais para as análises dessas diferentes leituras modais de ‘capaz’. Assim sendo, podemos afirmar que esse item lexical pode ser considerado um modal do PB, aspecto que não tinha sido verificado, nem afirmado, até então. Assim, ‘capaz’ passa a figurar no rol dos modais juntamente com os itens já analisados por Pires de Oliveira; Scarduelli (2008) e Pessotto (2011, 2015), entre outros, como ‘poder’, ‘dever’ e ‘ter que’.

REFERÊNCIAS

- BASSI, A.; GÖRSKI, E. M. *A multifuncionalidade do item ‘capaz’ na fala gaúcha: uma abordagem baseada no uso*. *Alfa: Revista de Linguística*. v. 58, p. 593-622, 2014.
- BRANQUINHO, J.; MURCHO, D.; GOMES, N. *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERREIRA, M. *Curso de Semântica Formal*. Berlin: Language Science Press, 2018.
- FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: ALCOFORADO, P. (Ed.). *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1892. p. 129 -158.
- HAACK, S. *Filosofia das Lógicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- ILARI, R. GERALDI, J. W. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2011.
- KRATZER, A. *Modality*. In: von Stechow, A.; Wunderlich, D. (eds). *Semantics: an international handbook of contemporary research*. New York: W. de Gruyter, 1991. p. 639-650.
- KRATZER, A. *Modals and Conditionals*. New York: Oxford University Press, 2012.
- KRATZER, A. The notional category of modality. In: Eikmeyer, H-J.; Rieser, H. (Ed.). *Word, worlds, and contexts: new approaches to word semantics*. Berlin: W. de Gruyter, 1981. p. 38-74.
- MIOTO, C. Tipos de Negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. v. 34, p. 103-117, 1998.
- MORTARI, C. A.; PIRES DE OLIVEIRA, R. *Operadores modais: sistemas formais e línguas naturais*. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, edição especial n. 8, 2014.
- PENHAVEL, E. Sobre as funções dos Marcadores Discursivos. *Estudos Linguísticos* XXXIV, p. 1296-1301, 2005.

- PENHAVEL, E. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? *Revista (Con)textos Linguísticos*, Vitória. v. 6, p. 78 -98, 2012.
- PESSOTTO, A. L. 'Pode' e 'podia': uma proposta semântico-pragmática. In: *Revista da Abralin*, Natal, v. 10, n. 2, p.11-42. 2011a.
- PESSOTTO, A. L. 'Pode' e 'podia': uma proposta semântico-pragmática. Dissertação de Mestrado (UFSC): Florianópolis. 2011b.
- PESSOTTO, A. L. *Força e evidência: uma análise teórico experimental da semântica de 'pode', 'deve' e 'tem que'*. Tese de Doutorado (UFSC): Florianópolis. 2015.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. *Semântica Formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; SCARDUELLI, J. Explicando as diferenças semânticas entre 'ter que' e 'deve': uma proposta em semântica de mundos possíveis. *Alfa Revista de linguística*. v. 52, p. 215-236, 2008.
- RISSO, M. S.; SILVA, G. M.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: *Gramática do português culto falado no Brasil*, 2006.
- TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*.1995. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: Preti, D. (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- von FINTEL, K. *Modality and Language*. In: *Encyclopedia of Philosophy*. Detroit: Mac Millan, 2006.

Recebido: 22/12/2018
Aceito: 25/03/2019
Publicado: 22/04/2019